

A ARBITRARIEDADE DA LINGUAGEM: DO CONCEITO À ARTE

Bruno Victor Brito Pacífico¹

RESUMO: Nosso objetivo, neste artigo, é mostrar a crítica da arbitrariedade da linguagem, a ilusão do impulso à verdade e do intelecto humano. Elaborada por Nietzsche, em seu ensaio *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, o filósofo alemão reflete que para o homem conviver em estado de paz em sociedade, ele precisa forjar conceitos por meio de seu intelecto para sobreviver diante da natureza. A partir disto, mostraremos como tal crítica questiona o valor moral dado a verdade e a mentira e alcançar, com isto, o momento em que nosso impulso estético surge diante da vida.

Palavras chave: Linguagem, verdade, mentira.

ABSTRACT: Our goal in this article is to show the criticism of the arbitrariness of language, the illusion of momentum to the truth and the human intellect. Drawn up by Nietzsche, in his essay *About the truth and lie in the extra-moral sense*, the German philosopher reflects that for man to live in a state of peace in society, it needs to forge concepts through his intellect to survive in the face of nature. From this, we show how such critical questions the moral value given truth and falsehood and reach, with this, the moment our aesthetic impulse towards life emerges.

Keywords: Language, truth, lie.

No ensaio de 1873, intitulado *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*, ainda que sob a influência das reflexões de Kant e Schopenhauer, Nietzsche nos leva, de forma inovadora, a uma reflexão profundíssima sobre a invenção ou surgimento da linguagem e (re)pensa o papel do homem como legislador de sua própria criação. Neste texto considerado juvenil, o filósofo alemão faz a crítica da consciência, do intelecto e da linguagem que em utilização abusiva, através da razão e em nome da “verdade” (por parte da filosofia ocidental), criaram ilusões e ficções a respeito de ideias sobre o eu, o sujeito e a alma.

Neste ensaio, o filósofo alemão se preocupa com estrutura gramatical que domina a cultura, sendo então a linguagem um campo de estudo importante em suas reflexões, seja neste ensaio ou em críticas escritas posteriormente. Sua crítica fundamenta-se em: a referência a certo objeto é somente uma referência e não pode ser considerada, em absoluto, a verdade universal, como uma essência por trás da aparência desta coisa. Isto é, como se esta coisa tivesse uma correspondência imediata entre o pensar (metafísico) e o ser (empírico), entre uma palavra e a coisa.

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”, mas também foi somente um minuto. Passados poucos

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer.²

Com este trecho citado acima, Nietzsche abre seu ensaio para nos mostrar que assim como qualquer outra coisa construída pelo ser humano, o conhecimento também é ele mesmo uma invenção humana. Como uma fábula, o conhecimento aparece – numa situação hipotética – num dado momento da história da humanidade em que precisamos deste.

O intelecto e a construção do conhecimento são meios de auto conservação da espécie humana diante dos demais animais da natureza. O intelecto é como “um meio auxiliar” que expandimos e aplicamos socialmente como algo natural, quando em verdade (no sentido perspectivista), para Nietzsche, é somente um dado necessário à nossa sobrevivência.

O fato é que para sobreviver o ser humano se coloca diante da natureza protegido sob seu escudo chamado intelecto, e para nos preservarmos precisamos criar convenções, a partir do mesmo potencial intelectual, para conviver em comunidade – ou como Nietzsche prefere dizer, viver de forma gregária.

A suposta distinção entre o ser humano e os animais considerados não racionais é somente uma crença justificada pelo esnoberio do intelecto humano, que procede por meio de avaliações e valores morais. Coloca o homem como a medida de todas as coisas e então o filósofo crê em seu potencial diferenciado dos demais animais, não reconhecendo que ao identificar o sujeito e sua consciência, ideais abstratos do homem, ele também está inventando - a partir da linguagem viciada e utilizada de forma arbitrária - uma mentira.

O intelecto... desdobra suas forças mestras no disfarce; pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, se conservam, aqueles aos quais está vedado travar uma luta pela existência com chifres ou presas aguçadas. No homem essa arte do disfarce chega a seu ápice; aqui o engano, o lisonjear, mentir e ludibriar, o falar-por-trás-das costas, o representar, o viver em glória de empréstimo, o mascarar-se, a convenção dissimulante, o jogo teatral diante de outros e diante de si mesmo...³

Se Nietzsche insinua que o intelecto é uma invenção para sobrevivermos e garantir “um minuto de existência” da própria espécie, então devemos pensar e dizer por consequência que o impulso à busca da “verdade” – que para os filósofos da tradição seria natural do homem – é, porém, algo inventado para legislar e, através da linguagem, considerar convencionalmente verdadeiro e universalmente válido certas coisas em comunidade, enterrando sob a máscara ludibriadora do intelecto tudo aquilo que há de mais singular, desigual, individual.

² NIETZSCHE, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1, 1973, p. 45.

³ NIETZSCHE. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1.

...a razão aparece, salvadora, como veículo de conquista da verdade, instrumento de eliminação dos equívocos dos instintos, das emoções e dos impulsos, caminha em direção à moralidade, recurso protetor e corretivo diante do movimento e das ambiguidades da existência.⁴

A “verdade” tem importância para os homens porque lhes é conveniente dizer aquilo que conforta e que não confronta o próprio estado de paz que eles mesmos inventaram com meras palavras; e quando confrontados com “verdades” consideradas perniciosas e perigosas para conservação de sua própria espécie, isto é, verdades perigosas ao contrato social, facilmente tal nível de “verdade” é relegada ao nível da “mentira”.

O que prejudicaria tal sociedade é o engano causado por aquele que mente sem pensar nas “consequências nocivas, hostis, de certas espécies de ilusões.”⁵ Estas ilusões quando confrontadas com a convenção do conhecimento e da moral, isto é, quando se colocam à frente daquele conhecimento considerado verdadeiro, se tornam problema para os que buscam a verdade universal. Em certo sentido o mentiroso inconsequente enxerga a “verdade” inventada pela sociedade, convencionalmente para conforto, e deseja quebrar tal convenção para instituir de maneira não impositiva algo diferente.

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tomaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas.⁶

O perigo para esta sociedade é o mentiroso que usa o que é considerado universalmente válido, a linguagem e a palavra, isto é, a partir de tudo o que está dentro de uma convenção, para constituir o que não é atual, em seu estado, em algo efetivo e “verdadeiro” no mundo. Pelo uso da linguagem ele tem a capacidade de inverter nomes e fazer trocas arbitrárias. Como exemplo, numa dada situação hipotética, o mentiroso diz que é forte, quando em seu estado efetivo é fraco. Partindo deste contraste entre verdade e mentira, podemos ver a arbitrariedade de nossa linguagem para forjar uma simples metáfora.

No momento de convenção de ideias e da verdade absoluta em sociedade, a palavra é aplicada pelo princípio de razão, a partir de um estímulo nervoso, como uma causa fora de nós. No entanto, se a palavra é um estímulo nervoso figurado em som, logo podemos pensar que este estímulo além de subjetivo também nos leva a refletir que

⁴ CALOMENI, Tereza Cristina, *A proclamação nietzschiana de retorno do trágico-dionisíaco*, p. 199.

⁵ NIETZSCHE, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1.

⁶ NIETZSCHE, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1, 1973, p. 48.

sobre aquela coisa que conhecemos nomeadamente, poderia ser conhecida nomeadamente de outro modo. Nietzsche assinala para a possibilidade criativa poética que o homem tem para nomear as coisas:

A linguagem – que, desde 1873, não é acolhida como explicação ou “expressão adequada de todas as realidades” (WL/VM §1, KSA 1.875) nem como garantia de captura da verdade pretensamente guardada nas próprias coisas, mas como resultado da necessidade gragária e também sinal indicativo do impulso criativo, plático, peculiar ao humano, sugestivo sintoma da relação estética tecida entre o homem e o mundo...⁷

Um estímulo nervoso é transformado em imagem e, a partir desta, é modelada em som. Destas duas formas de metáforas existem modificações nas formas que se seguem, tornando inteiramente novas outras novas metáforas distintas da primeira e da segunda metáfora. A primeira passa de um estímulo sensível (material) para um nível imagético (mental); a segunda torna-se som. Ao analisarmos isto, vemos que a palavra em si não carrega a “verdade” universal, nem mesmo é uma expressão adequada para uma impressão de alguma coisa externa, é somente uma emissão de estímulos desigual e subjetiva. Calomeni comenta da seguinte forma o que Nietzsche tenta expor em seu ensaio:

...longe de exprimir a verdade ou traduzir a essência mais íntima das coisas, longe de testemunhar o real domínio do homem sobre a realidade, qualquer palavra – inclusive a palavra filosófica e o conceito, palavra supostamente mais legítima e verdadeira – é grosseira e redutora. Como qualquer palavra, o conceito não apreende um sentido, não representa um objeto, não corresponde à realidade.⁸

Dentro do crivo nietzschiano sobre a linguagem, as palavras são criações históricas que num dando momento se tornam os condicionadores verbais dos seres humanos que vivem em sociedade, por meio de um contrato social, isto é, para se protegerem enquanto espécie da guerra de todos contra todos. Com isto, acreditam terem consciência de seus próprios atos, isto é, se acham como seres subjetivos que comunicam e expressam algo para se entenderem, partilhando entre si o que há de comum em sociedade. Logo, não percebemos que nossos atos são expressões conceituais já estabelecidos e convencionados pela necessidade de comunicação e sociabilidade. Sobre consciência e linguagem, Calomeni diz:

O crescimento da consciência acompanha a exigente necessidade de transmissão das impressões “a outros por meio de signos” (FW/GC §354, KSA 2.590): quanto mais cresce a capacidade de criação de

⁷ CALOMENI, Tereza Cristina, *Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem*, 2011, p. 233.

⁸ CALOMENI, Tereza Cristina, *Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem*, 2011, p. 234.

signos, mais se aprimora e se consolida a consciência. “O homem inventor de signos é, ao mesmo tempo, homem cada vez mais consciente de si” (FW/GC §354, KSA 3.590).⁹

Acreditamos que conhecemos a nós mesmos (um Eu) e as coisas externas a nós a partir do que é configurado pelo princípio de razão, que mentaliza e essencializa tudo o que existe, isto é, que conceitua procedendo pela contabilização de ocorrências no mundo para universalizar e dar crédito ao método de nomear e demonstrar, para além do próprio objeto, o que ele é de fato, possuidor de um em-si.

Para Nietzsche, este Eu é em suma uma ilusão porque não há algo que permaneça no mesmo estado sempre, isto é, tudo se modifica, até mesmo a mudança de estado em que o ser humano se encontra em tal momento pode modificar aquele ser. Não há um substrato inerente as coisas que existem na efetividade, isto é, não conhecemos a essência da flor porque não há nada além de um nome que damos a tal objeto e que foi convencionado a se chamar flor.

Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a uma outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então uma representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que fosse “folha”, uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, frisadas, pintadas...¹⁰

O que não fica evidente para o ser humano, em especial para o filósofo tradicional, é que mentimos segundo convenções sociais porque nos esquecemos que em algum momento de nossa história não precisávamos do “sentimento da verdade”, isto é, de nomear e legislar sobre aquilo que ele próprio aponta e conceitua como algo x ou algo y, aquilo que nós mesmos construímos.

Criou-se uma “verdade” com tendência moral para se opor diretamente aquele mentiroso, mencionado acima, para assegurar a sua própria espécie de que, através de leis rígidas, através de uma confiança universal e sólida naquilo que chamamos ciência, o homem não será mais tomado por “impressões súbitas”, isto é, não agirá sem consciência. Portanto, como vemos na sentença nietzschiana: “coloca agora seu agir como ser ‘racional’ sob a regência das abstrações”.¹¹

O laço entre homem e a natureza é desfeito para então separá-los, intelectualmente, um em cada lado, tudo isto para possibilitar a representação do mundo em forma de ciência (matematicamente). Neste sentido, o filósofo alemão chama nossa

⁹ Ibid., 2011, p. 232.

¹⁰ NIETZSCHE, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1, 1973, p. 49.

¹¹ Ibid., §1, 1973, p.49.

atenção para o fato de que nossa espécie lapida a realidade em signos matemáticos para tornar suas próprias vidas uma cadeia de sentidos organizados, impondo assim um tipo de poder hierárquico que regula os indivíduos que agem intuitivamente e colocá-los num mundo esquemático, regulador, imperativo, isto é, num “mundo de leis”. Como Nietzsche diz: “o grande edifício dos conceitos ostenta a regularidade rígida de um columbário romano e respira na lógica aquele rigor e frieza, que são da própria matemática.”¹²

No interior desse jogo de dados do conceito, porém, chama-se “verdade” usar cada dado assim como ele é designado, contar exatamente seus pontos, formar rubricas corretas e nunca pecar contra a ordenação de castas e a sequência das classes hierárquicas. Assim como os romanos e etruscos retalhavam o céu com rígidas linhas matemáticas e em um espaço assim delimitado confinavam um deus, como em um templo, assim cada povo tem sobre si um tal céu conceitual matematicamente repartido e entende agora por exigência de verdade que cada deus conceitual seja procurado somente em sua esfera.¹³

O fato é que mesmo diante de um mundo regido por leis universais, que busca a verdade absoluta e transforma a vivência dos seres humanos mais infelizes, Nietzsche aponta para uma direção inversa a este mundo conceitualmente “descolorido”, e indica que o homem ainda deseja achar um lugar onde possa se libertar destas amarras conceituais. Este lugar, este momento de libertação está, portanto, no campo da arte. Podemos ver isto no escrito nietzschiano da seguinte maneira:

“homens, nisso, não procuram tanto evitar serem enganados, quanto serem prejudicados pelo engano; o que odeiam, mesmo nesse nível, no fundo não é a ilusão, mas as consequências nocivas, hostis, de certas espécies de ilusões.”¹⁴

Prosseguindo com estas reflexões, Nietzsche então argumenta que para certas ilusões como os sonhos, as formas artísticas e os sentimentos instintivos, o homem abre uma exceção, isto quer dizer que ele quer escapar, pois “sua metáfora intuitiva é individual e sem igual e, por isso, sabe escapar a toda rubricação”¹⁵ do conceito. Mesmo que este seja forjado para impor limites sobre a sociedade, ainda que não seja admitida por ela, o conceito é um “*resíduo de uma metáfora*”¹⁶.

O filósofo norte-americano, Arthur Danto, nos chama atenção para duas questões importantes a respeito do modo estético que nós buscamos viver e sobre a forma que a metáfora é ou como deve ser usada:

¹² NIETZSCHE. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* §1, 1973.

¹³ Ibid. §1, p. 49.

¹⁴ Cf. Nietzsche, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1, 1973, p. 46.

¹⁵ Cf. Nietzsche, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1, 1973, p.49.

¹⁶ NIETZSCHE. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1.

Our primitive mode with the world is essentially as artist, as more or less unwitting makers of images and metaphors, transforming rather than reproducing our experiences, themselves transformations and not duplications of their causes and objects.

Notice, however, that metaphors here are spoken of as linguistic expressions for experiences, not for things, so there are routine and deviant experiences. The linguistic utterance or expression of a deviant experience must, in the nature of the case, be either metaphorical or unintelligible relative to a linguistic scheme worked out to accommodate routine experiences.¹⁷

Nietzsche parte da própria engenhosidade e genialidade humanas em construir, sobre instantes passageiros (como água), formas conceituais sólidas e muito bem fundamentadas, para nos demonstrar que também temos uma propensão em formular metáforas, que também temos um impulso estético para criar, através da linguagem – esta pode ser compreendida como arte –, meios para se deixar enganar e ter um instante de felicidade, isto é, adquirido em frente a um poema, ou mesmo diante de uma representação teatral de *Antígona*.

Nunca ele é mais exuberante, mais rico, mais orgulhoso, mais hábil e mais temerário: com prazer criador ele entrecruza as metáforas e desloca as pedras-limites das abstrações, de tal modo que, por exemplo, designa o rio como caminho em movimento que transporta o homem para onde para onde ele, do contrário, teria de ir a pé.¹⁸

O ser humano quer se garantir através do conceito, segundo o filósofo alemão, para se manter “acordado” e não cair nas amarras do sonho, que é considerado pelos legisladores da vida o que há de mais irregular, inconsequente, incoerente, ilógico e inovador. Porém, ao mesmo tempo, em que se mantém desperto pela busca da “verdade”, ele também é atravessado pela persuasão da arte e passa a sonhar, mesmo que seja por um breve momento, fora do eterno caminho à verdade; e se vê novamente diante do momento anterior ao esquecimento das metáforas intuitivas que originam e nomeiam as coisas, e (re)vive o entrelaçamento de sua subjetividade com a natureza, com o mundo.

Este homem, diz Nietzsche, constantemente “embaralha as rubricas e compartimentos dos conceitos, propondo novas transposições, metáforas, metonímias”¹⁹ porque mesmo não sabendo deste impulso mascarado pela vontade de conhecer a verdade, ele recai sobre seu instinto criador.

É, portanto, neste momento que o homem parece se reconciliar com seu desejo, pois se livra da servidão do princípio de razão e torna-se senhor de si mesmo. Em suma, escreve Nietzsche:

¹⁷ DANTO, *Nietzsche as philosopher*, II, 1980, p. 39.

¹⁸ NIETZSCHE, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §2.

¹⁹ NIETZSCHE, *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §2, 1973, p.50.

Quando desmantela, entrecruza, recompõe ironicamente, emparelhando o mais alheio e separando o mais próximo, ele revela que não precisa daquela tábua de salvação da indigência e que agora não é guiado por conceitos, mas por intuições. Dessas intuições nenhum caminho regular leva à terra dos esquemas fantasmagóricos, das abstrações: para elas não foi feita a palavra, o homem emudece quando as vê, ou fala puramente em metáforas proibidas e em arranjos inéditos de conceitos, para pelo menos através da demolição e escarnecimento dos antigos limites conceituais corresponder criado raramente à impressão de poderosa intuição presente.²⁰

Considerações finais

Da mesma maneira que o homem se propõe a criar uma legislação da verdade sobre a vida, para dominar os instintos individuais de cada habitante de uma sociedade, ele também é capaz, ao mesmo tempo, de se propor a quebrar suas próprias regras para privar-se de toda uma comunidade, e comunicar-se consigo mesmo com aquilo que há de mais subjetivo, distinto do que é compartilhado comumente em sociedade.

Ao mesmo tempo em que utiliza a linguagem como ferramenta de coerção para instituir a “verdade” universal, conceituando tudo aquilo que a ele parece ser a coisa-em-si (o ser), no sentido kantiano, também é capaz de utilizá-la para capturar o que há de mais genuíno e primordial através da manifestação artística. Podemos observar este enunciado na seguinte afirmação nietzschiana:

Onde alguma vez o homem intuitivo, digamos como na Grécia Antiga, conduz suas armas mais poderosamente e mais vitoriosamente do que seu reverso, pode configurar-se, em caso favorável, uma civilização e fundar-se o domínio da arte sobre a vida: aquele disfarce, aquela recusa da indigência, aquele esplendor das intuições metafóricas e em geral aquela imediatez da ilusão acompanham todas as manifestações de tal vida.²¹

Esta manifestação afirma a vida plenamente feliz dos homens, pois os mesmos sabem que na arte tudo é ilusão estética, isto é, uma contemplação da aparência; diferentemente a representação da ciência afirma que é preciso encontrar a essência das coisas e ilude – a partir de um uso abusivo da linguagem, caindo no fosso do engano eternamente – aqueles que se acham impulsionados a viver em busca da “verdade”.

REFERÊNCIA

NIETZSCHE. *Obras incompletas: Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril. 1973 (Col. “Os pensadores”).

²⁰ NIETZSCHE. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §2, 1973, p. 51.

²¹ NIETZSCHE. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §2, 1973, p. 52.

a arbitrariedade da linguagem: **do conceito à arte**

CALOMENI, T.C.B. “Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem”. In: *Cadernos Nietzsche* 28. São Paulo: GEN. 2011.

CALOMENI, T.C.B. “A proclamação nietzschiana de retorno do trágico-dionisíaco. In. *O que nos faz pensar n 28*. 2010.

MARTON, Scarlett. “A Filosofia de Nietzsche: Um Pragmatismo Avant La Lettre”. In. *Cognitio n.1*. São Paulo, 2006.

DANTO, Arthur. *Nietzsche as philosopher*. New York: Columbia University Press. 1980.